

“O SEGREDO DA BUSCA É QUE NÃO SE ACHA”: *FAUSTO*/FERNANDO PESSOA E O ETERNO MISTÉRIO DO MUNDO

Jefferson Eduardo Pereira Bessa

Resumo – O artigo busca traçar a experiência do mistério e do pensamento em Fausto/Pessoa. Na tentativa de leitura baseada em uma possível aproximação aos próprios versos, o texto discute problemas os quais somente Fausto responde em versos e Fernando Pessoa em teoria. Consciência, inconsciência, morte e vida são alguns pontos desenvolvidos no artigo.

Palavras-chave – Pensamento. Mistério. Horror. Ódio.

Fausto, num sentido forte do mito, representa o Homem na sua busca insaciável ao conhecimento. Sempre insatisfeito com a estreiteza do conhecimento, Fausto é o homem retirado do mundo da inocência pelo poder desagregador do pensamento. Fernando Pessoa, então, escreve Fausto: homem que vive a experiência de que o maior grau de verdade reside em descobrir que o mundo e o próprio ser são um mistério. Quanto mais profundamente se reconheça a estrutura da realidade, tanto mais se verá que a realidade é um mistério. A experiência do pensamento pensa, portanto, o mistério, que é o fundamento da vida.

Fausto passa por uma experiência obscura do mistério. A grandiosa empreitada de penetrar na plenitude das coisas reverte-se em uma luz negativa que, ao aproximar, desespera. Experiência radical esta do pensamento reflexivo que segue um movimento de retorno a si mesmo, voltado sobre si mesmo para conhecer a si mesmo e para indagar como é possível o próprio pensamento. Um radicalismo do exercício da consciência, que assume a consciência na consciência. Fausto não conseguirá e até mesmo invejará aquilo que chama “inconsciência”, já que excedeu a capacidade de pensar o pensamento e seguiu por um caminho irreversível incapaz de viver a inconsciência.

Desde que despertei para a consciência
Do abismo da noite que me cerca,
Não mais ri nem chorei, porque passei
Na monstruosidade do sofrer
Muito além da loucura, da que ri
E da que chora monstruosamente
Consciente de tudo e da consciência
Que de tudo horrorosamente tenho.

Todas as máscaras que a alma humana
Para si mesma usa, eu arranquei —
A própria dúvida, trementemente,
Arranquei eu de mim, e inda depois
Outra máscara [...]
Mas o que vi então — essa nudez

Da consciência em mim, como relâmpago
Que tivesse uma voz e uma expressão,
Gelou-me para sempre em outro ser [...] (PESSOA, 1972, p. 638)

O grande horror de Fausto resulta de não poder mais sentir, por exemplo, o amor e o prazer sem pensar no pensamento que pensa ele próprio. Então, declara um processo que ultrapassa a “loucura”, que não é mais aquela que não tem consciência dela mesma, a qual ele almeja, mas aquela que tem “consciência de tudo e da consciência/ Que de tudo horrorosamente tenho”. Um pensamento que nem mais duvida, mas que vive um ignorar consciente que o faz “gelar” frente o abismo da existência sem possibilidades de compreensão ou de incompreensão. Alheio ao pensamento e ao mundo, Fausto vive na experiência da escuridão, das trevas; sendo o mistério a vida, o mundo “chega aos olhos d’alma tão de perto” que tal aproximação ocasiona uma desagregação radical, provocando o desarranjo e a escuridão de seu ser frente o mundo. A nudez da consciência o deixou isolado, ou melhor, estrangeiro a todo sentir e a todo viver.

Fausto, então, manifesta o resultado desse procedimento: experimentar a negatividade do mistério que é inerente ao pensamento. Negatividade que, ao encarar o mistério frente a frente, vive nos seus olhos a escuridão e a impossibilidade de qualquer tentativa de alcançar a verdade. Na angústia, somente entende que não existe, pois existir já é pensar na existência.

Mostra que qualquer raciocínio que pretenda dizer a verdade torna-se Horror. Toda questão do pensamento tem seu princípio e fim no mistério que se faz pensamento, por isso o entendimento se dissipa nele mesmo, ou seja, qualquer idéia não faz jus à vida. Se se tem o conceito de *homem* ou de *ente*, são conceitos que são possíveis somente para o meu entendimento que os formulou.

A experiência do abismo declara a derrocada de Fausto à profunda abertura ao caos. O vazio obscuro vivido por ele não o permite mais voltar à inocência perdida; sonha e deseja, no entanto é irreversível, porque pensar o sonho ou a inocência perdidos, na tentativa de resgatá-los, torna-se esforço inútil, uma vez que não mais os vive, mas os pensa. Ignorar é não saber que ignora. Como Fausto diz: “O saber é a inconsciência de ignorar”. Ocorre, por tal motivo, de Fausto descer mais ao abismo cada vez que tenta obstruí-lo.

Quanto mais fundamente penso, mais
Profundamente me descompreendo.
O saber é a inconsciência de ignorar...
[...]
Só a inocência e a ignorância são
Felizes, mas não o sabem. São-no ou não?
Que é ser sem no saber? Ser, como a pedra,

Um lugar, nada mais.
[...]

Quando às vezes eu penso em meu futuro
Abre-se de repente [um largo] abismo
Perante o qual me cambaleia o ser. (PESSOA, 1972, p. 633)

Esse desejo implica um modo anterior que o faz sentir também o mistério como um estado atual, pois desejar a inocência seria como ter o mistério novamente, pois está entre o modo perfeito e imperfeito de viver. Enreda-se num jogo temporal de passado, presente e futuro no qual a inquietação de resgate incapacita o homem, pois que o contínuo mistério o perseguirá num passado perdido e num futuro redimido. Apesar da perda da inocência, não se deve concluir tal estado como algo desejável pela sua perda em algum momento. O desejo pela inocência manifesta o sentimento de culpa que fez desaparecer a condição anterior.

Assim, o Horror de conhecer constitui um constante confronto com o mistério. O horror nada poderá explicar ou entender, deixando-o num estado de pavor sem saber o que fazer. Quanto mais profunda seja a penetração no conhecimento, tanto mais profunda será a visão da sua impossibilidade de realização, pois o mistério continuará. Saber a verdade é recair no erro, porque o acesso a qualquer verdade do mundo que se pode conhecer é já estar consciente do quão vã torna-se a sua busca. Não há verdade a ser descoberta.

Assim também é a experiência dos olhos de Fausto. Olhos que impregnam em si tal penumbra que tudo se manifesta em horror e mistério. Seus olhos não se abrem mais ao mundo; sempre que os abre ao mundo tudo se mostra na mesma escuridão. Os olhos sem claridade compreendem que cada abertura será inútil, pois o que verá será mais um aprofundar-se na escuridão.

Cada coisa p'ra mim é porta aberta
Por onde vejo a mesma escuridão;
Quanto mais olho, mais eu compreendo
De quanto é escura aquela escuridão;
E quanto mais o compreendo, mais
Me sinto escuro em o compreender. (PESSOA, 1972, p. 638)

Fausto deu aos seus olhos do espírito o que negou aos olhos do corpo. Os sentidos que compreendem os olhos morreram nos de Fausto. Ou melhor, seus olhos somente se abrem ao mistério e à verdade. Por não possuir nenhuma claridade, nada além de mistério pode ver. Os olhos de Fausto, presos no pensamento, buscam ultrapassar ao simples olhar da coisa vista. Por isso seus olhos sempre vêem uma outra coisa, nunca ela mesma. Possui somente um olhar que se fechou à consciência de si mesmo e à reflexão. Qualquer tentativa de abertura para Fausto se apresenta impossível.

O olhar que passa para além da coisa pode ser como um olhar da crença. A atitude de manter-se sempre para além da realidade se identifica na sistematização e na fixação de elementos, as quais julgam descobrir o íntimo dos seres. Crença, porque tais sistemas, segundo a voz de Fausto, se fundamentam somente de uma certeza: o erro, que é a única certeza da existência. Tal falha ocorre pela adequação impossível de uma idéia de verdade à realidade. Em outras palavras, a realidade estará sempre muito distante de qualquer sistema que queira conhecê-la inteiramente.

A crença é o sono e o sonho do intelecto
Cansado, exausto, que a sonhar obtém
Efeitos lúcidos do engano fácil
Que antepôs a si mesmo, mais sentido,
Mais [visto] que o usual do seu pensar.
A fé é isto: o pensamento
A querer enganar-se eternamente
Fraco no engano, [e assim] no desengano;
Quer na ilusão, quer na desilusão. (PESSOA, 1972, p. 632)

Sendo o pensamento praticado exacerbadamente, ocorre desse modo que tal pensamento pensa uma fé, uma crença responsável por uma eterna mentira. Envoltos a fantasias e fábulas, o pensamento crente sempre se engana e se distancia da realidade. Sob o efeito do sono e do sonho, surgem idéias e reflexões que formulam esquemas de compreensão que “se esquecem” da realidade, uma vez que esta nada tem desse “delírio” da ciência ou da religião, que buscam uma coerência raciocinada baseada na certeza e capacitada a dar mais sentido a si mesmo e ao mundo, segundo seus pressupostos.

Qualquer sistema de pensamento está sob o efeito do sonho. Todos eles se encontram sob um eterno engano, porque a fé age de uma maneira que traz o encobrimento da realidade pelo esclarecimento da verdade das coisas. Anula a realidade das sensações, que não possui nenhuma justificação, por uma outra sonhada e imaginada. Num sono profundo, arquiteta-se um além inexistente estabelecido pela fé: a crença. Dialoga, assim, com uma tradição *crente* que pensava o pensamento como algo possível no afastamento desta existência fugidia como via de acesso ao verdadeiro mundo, freqüentemente associado a um desejo de imobilidade e de imortalidade.

Sob essa sombra do pensamento, Fausto buscou fora de suas sensações a Verdade Absoluta. Segundo Fernando Pessoa, se as coisas somente podem existir nas sensações, a verdade está nas sensações. Nada fora delas é possível, quer dizer, as coisas para mim somente têm a realidade das minhas sensações. Até mesmo a Verdade, como uma idéia, é uma sensação. Fausto, no entanto, afastou-se dessa verdade envolvido numa vontade com a

finalidade de buscar a chave do conhecimento do real tal como verdadeiramente é, chegando ao extremo, como já se disse, de perguntar a consciência o que é ela mesma e, assim, vivendo uma situação irreversível de saber que tudo existe na sua consciência. Por isso, qualquer pretensão de buscar a verdade fora das sensações será buscar o que não existe, logo só achará a incerteza – o mesmo que não achar. Diz, então, Fernando Pessoa:

Ora, a Verdade, seja ela o que for, e admitindo que seja qualquer coisa, se existe existe ou dentro das minhas sensações, ou fora delas ou tanto dentro como fora delas. Se existe fora das minhas sensações, é uma coisa de que eu nunca posso estar certo, não existe para mim portanto, é, para mim, não só o contrário da certeza, porque só das minhas sensações estou certo, mas o contrário de ser porque a única coisa que existe para mim são as minhas sensações. De modo que, a existir fora das minhas sensações, a Verdade é para mim igual à Incerteza e não-ser – não existe e não é verdade, portanto (PESSOA, 2005,p. 564).

Sendo as sensações a única verdade existente, vive-se num movimento de apenas sentir e não questionar ou pensar nela mesma. A Verdade, como sensação, não deseja significar, mas apenas viver a sensação, aproximando-se, desse modo, daquilo que se disse sobre a inocência e a inconsciência. A alegria e o prazer já não são possíveis para Fausto. Perdeu a sensação de apenas sentir, que é viver inconscientemente sem significar, e ganhou o ódio de apenas ter o mundo na consciência. “Toda a alegria me gela, me faz ódio”, assume Fausto.

Eis o horror de Fausto: a agonia da existência de não ser ignorante de saber aquilo que se sabe, de responsabilizar-se pelo seu saber, deixar-se apenas nas sensações. Desarticula-se com qualquer crença de um supremo pensamento que busque a sua própria lucidez. Por isso, nenhuma complacência faustiana há nesse reconhecimento do desastre. Nessa sombria inclinação de espírito, há uma disposição insuperável dos danos causados pela compreensão intelectual; a existência abismal de que nada mais é e nem poderá ser e de que tudo se perdeu na extremidade e na exacerbação da consciência. A existência se manifesta mistério do mundo, que é um constante horror e dor.

Fausto nem sabe como poderia escapar desse temor da existência. O pavor o toma de tal maneira que não vislumbra uma resolução. Qualquer verdade torna-se uma ilusão. Nem o amor, nem o prazer. Nem mesmo o suicídio e a morte, uma vez que também fazem surgir o mistério. O temor que apavora deixa Fausto diante do Horror à morte. A morte que, em algum momento, aparece como uma salvação em que possa acreditar passa a ser também um mistério; o horror à morte, então, se confunde com a possibilidade de conhecer. A morte não traz a ele nenhuma segurança. Parece que o temor à morte existe por esta poder ser uma verdade que atinge o absoluto. Assim, toda forma de pensamento que esteja ao alcance do seu pensamento transforma-se num abismo.

Gela-me a idéia de que a morte seja
O encontrar o mistério face a face
E conhecê-lo. Por mais mal que seja
A vida e o mistério de a viver
E a ignorância em que a alma vive a vida,
Pior me [relampeja] pela alma
A idéia de que enfim tudo será
Sabido e claro... (PESSOA, 1972, p. 650)

Não poder ter um gosto de viver, porque tudo parece ilusão. Não contar com nada e com ninguém. A existência aqui é reprimida por uma participação ativa nela mesma. Até mesmo o esquecimento é irrealizável. Atrelado ao império da consciência que recai sobre ele mesmo, Fausto se vê extenuado, esgotado pela permanente corrosão que tal estado o deixa. A verdade se mostra como algo impraticável; o simples contato com ela demonstra uma ruína instantânea. Desse modo, não há remédio que imediatamente se torne veneno. Toda tentativa leva ao mesmo fim: o mistério do mundo.

Não poder apagar esta tortura
Não poder despegar-me deste Ser;
Não poder esquecer-me desta vida...
[...]
Que o tempo cesse! (PESSOA, 1972, p. 652)

Surge, então, a conseqüência funesta do ódio naquilo que o fez observar o mundo a partir de um ponto “fora” do vivido. Neutralizou-se na escuridão como resultado de uma tradição intelectualista que estabelece uma relação com o mundo em que a consciência “superior” determina como a relação entre o homem e as coisas deve realizar-se. Entretanto, sabe-se que isso resiste ao sensível para incidir estritamente sobre a consciência; logo, a realidade surge como representação do pensamento, que faz do mundo a representação de seu próprio pensamento. Tudo existe somente na consciência pelo pensamento que pensou ele mesmo.

Excluída toda idéia de apaziguamento, o pensamento se apresenta como uma doença em que o ódio e o desespero desempenham uma intensa ação. O pensamento trouxe a Fausto um distanciamento tanto da terra quanto do além. Perdeu o mundo e a si mesmo. Podemos dizer que ele odeia o mundo por ser ele pensamento, que se fez responsável pela separação dele com o mundo e dele consigo mesmo. Logo, ser consciente é estar separado de si, isso é odiar. Faz-se ódio e dor pela alegria inconsciente que perdeu; o pensamento nasce junto à destruição.

“Sou a Consciência em ódio ao inconsciente”, diz Fausto. Na própria consciência se manifesta o ódio. O ódio daquilo que não se pode destruir é o ponto essencial de separação entre o inconsciente e o consciente. O ódio, que surge junto à consciência, se dirige ao que

não pode mais se desfazer. O ódio despreza a alegria, o canto, o prazer, pois sabe que estes são impossíveis, já que vivem somente na inconsciência. Resta desconhecer e repulsar toda sensação inconsciente que seja aprazível. Desse modo, o ódio infiltra-se no saber desse pensamento.

Assim, o ódio-consciência aparta Fausto da integridade dos seres. Torna-se inimigo de si mesmo por adular e escravizar a vida. “Eu sou o inferno”, revela Fausto. Resta o ódio, que desconhece e que repele o amor e o prazer. Resta em Fausto o ódio que é a sombra do mundo que o seu pensamento representa – não poderá, pois, viver o natural; o seu corpo não está mais nas sensações, mas longe, onde nada existe – na consciência. Sem existência pelo contato superficial com a vida, não encontrou o seu lugar nem mesmo no amor. Sozinho nele mesmo, Fausto somente sente o ódio, porque a alegria e o prazer esvaíram-se no deslocamento do fingimento essencial da vida. Por isso, ao pensar no amor, resta o escárnio que chega numa vertigem de insensatez desviada da possibilidade de ver-se na realidade. O escárnio declara a impossibilidade de algum desejo de lucidez. Com o corpo que Fausto arrasta consigo mesmo, não poderia mais haver nenhuma justificação. Assim, ao conceber-se amando, Fausto, que só possui um humor _ o derrisório _ escreve:

Mas eu, ao conceber-me amando, sinto
Como que um gargarhar hórrido e fundo
Da existência em mim, como ridículo
E desusado no que é natural.
Nunca, senão pensando no amor
Me sinto tão longínquo e deslocado,
Tão cheio de ódios contra o meu destino. –
De raivas contra a essência do viver. (PESSOA, 1972, p. 646)

Inimigo para sempre da alegria e do amor, do prazer e da vida, tudo para Fausto se origina e vive à parte dele, reconhecendo que a existência das coisas sempre esteve muito distante, já que os aparelhos de compreensão se satisfazem a si mesmos. Isto é, fora deles nada existe daquela maneira, mas só nos limites de tais esquemas, identificando, dessa forma, a superficialidade e a frivolidade de todos eles.

Fausto vive, dessa forma, uma espécie de um eterno exílio, causado pelo pensamento reflexivo que traz o mistério como ato do pensamento que busca o que nunca achará, declarando que o pensamento se origina, vive e destina-se ao mistério. O pensamento nasce no ódio da consciência de ir para além do que há. Perde para nunca mais possuir o que há de mais natural nele mesmo. Sempre que em cada passo se aproxima, o espírito sabe que se

instala ali a falha para com a vida. Nem na vida nem na morte Fausto na sua dor vislumbra uma lucidez.

Quero fugir ao mistério
Para onde fugirei?
Ele é a vida e a morte
Ó Dor, aonde me irei? (PESSOA, 1972, p. 621)

The secret of the search is that it is not found”: Fausto/Fernando Pessoa and the perpetual mystery of the world

Abstract – The article searches to trace the experience of the mystery and the thought in Fausto/Pessoa. In the attempt of reading based on a possible approach to proper verses, the text argues problems which only Fausto answers in verses and Fernando Pessoa in theory. Conscience, unconsciousness, death and life are some points developed in the article.

Keywords: – Thought. Mystery. Horror. Hate.

Referências bibliográficas

PESSOA, Fernando. *Obra em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

PESSOA, Fernando. Primeiro Fausto. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1972.